

A EXISTÊNCIA DA MULHER EM SIMONE DE BEAUVOIR

Paulo José Gomes Cardoso¹

Léo Peruzzo Júnior²

RESUMO

Este artigo pretende mostrar de que modo a existência da mulher acontece no mundo, segundo o que é apresentado pela filósofa francesa Simone de Beauvoir em seu livro *O Segundo Sexo*. Neste sentido, apresenta a condição em que a mulher se encontra ao longo dos períodos da história, o que caracteriza a separação na civilização entre homem e mulher. Ao mesmo tempo, versa a filosofia existencialista defendida por Simone de Beauvoir, sendo essa o estudo da condição de ser no mundo e da defesa da liberdade de cada ser, implicando suas responsabilidades. E trata, ainda, os mitos que transformaram a vida da mulher, os condicionamentos ficcionais que foram gerados e que afetaram a visão sobre o feminino geracionalmente. A mulher, sendo o outro sexo, é entendida como se existisse em função de um primeiro sexo, o qual, por receber essa carga de superioridade, rebaixa e inferioriza o outro sexo. Por fim, aborda-se o entorno acerca da existência da mulher, analisando a condição de 'Outro' na desigualdade com os homens.

Palavras-chave: Mulher. Existencialismo. Mitos. Outro Sexo.

¹ Graduado em Engenharia Eletrônica pelo Centro Universitário Fundação Santo André. Aluno do 6º período do curso de Filosofia da FAE Centro Universitário. *E-mail*: cardoso.paulo216@gmail.com

² Orientador da Pesquisa. Professor da FAE Centro Universitário. Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia Mestrado e Doutorado da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e da Faculdade Vicentina (FAVI). Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). *E-mail*: leo.junior@pucpr.br

INTRODUÇÃO

No intuito de apresentar o tema do feminino, utiliza-se o pensamento da filósofa e escritora francesa Simone de Beauvoir, mais propriamente o seu livro *O Segundo Sexo*. O fio condutor de sua obra é entender em que ponto houve essa divisão entre os sexos e em qual momento o masculino se sobrepôs ao feminino. Neste sentido, a filósofa ressalta: “[...] ao sair de uma era de polêmicas desordenadas, este livro é uma tentativa, entre outros, de verificar em que pé se encontra a questão” (BEAUVOIR, 2019b, p. 25). O trabalho, a princípio, procura abordar as questões históricas de evolução entre a interação dos dois sexos, como se pode constatar no trecho a seguir:

Mas uma questão imediatamente se apresenta: como tudo isso começou? Compreende-se que a dualidade dos sexos, como toda dualidade, tenha sido traduzida por um conflito. Compreende-se que, se um dos dois conseguisse impor sua superioridade, esta deveria estabelecer-se como absoluta. Resta explicar por que o homem venceu desde o início. Parece que as mulheres deveriam ter sido vitoriosas. Ou a luta poderia nunca ter tido solução. (BEAUVOIR, 2019b, p. 18)

Beauvoir apresenta em seu livro as questões a respeito dos dois sexos terem se desviado da unicidade ao longo da evolução da humanidade. Neste sentido, ela levanta os questionamentos de como se deu essa superioridade do homem na sociedade e como ainda permanece essa subordinação de um em função da superioridade do outro. A seguir, no trabalho, é abordada a filosofia própria de Beauvoir, o existencialismo a respeito do estudo de vida do ser, isto é, condições e características presentes depois do ‘vir a existir’ no mundo.

Em seguida, examinam-se as condições de perpetuação das falsas características femininas, por meio das quais a mulher encontra dificuldades várias, pelos mitos que são criados a seu respeito, muitos destes baseados em teorias sem procedência de verdade alguma. Por fim, a quarta parte deste trabalho apresenta as condições de ‘Outro Sexo’ da mulher, ou seja, o atributo de segundo sexo dado ao sexo feminino em função do modelo masculino. Neste viés, Beauvoir constata sobre o outro sexo: “Quando muito, consentia-se em conceder ao outro sexo ‘a igualdade dentro da diferença’” (BEAUVOIR, 2019b, p. 20).

Trata-se de um estudo de revisão de literatura, que contribui para a visão de mundo com relação às desigualdades sociais existentes entre os sexos e, principalmente, o disseminar de informações e interpretações do verdadeiro feminino, sendo assim, a filósofa francesa argumenta: “Mas, logo que entra em conflito com a mulher, a situação

se inverte: ele tematiza a desigualdade concreta e dela tira autoridade para negar a igualdade abstrata” (BEAUVOIR, 2019b, p. 23). Não escapa ao leitor atento as referências estudadas para embasamento deste artigo: o real olhar que deve ser feito em relação à história e à condição de ser do feminino.

1 A CONDIÇÃO DAS MULHERES NO DECORRER DA EXISTÊNCIA

No *O segundo sexo*, Beauvoir relata essa cronologia existencial do sexo feminino, no qual ela apresenta: “É revendo à luz da filosofia existencial os dados da pré-história e da etnografia que poderemos compreender como a hierarquia dos sexos se estabeleceu” (BEAUVOIR, 2019b, p. 95). A filósofa faz uma análise histórica³ das condições a que as mulheres foram submetidas, realizando esse levantamento de informações para tentar encontrar em que ponto da história houve essa grande diferenciação entre os sexos.

No período pré-histórico, quando os homens e mulheres neandertais (nome dado aos seres humanos do período pré-histórico, que ainda não possuíam características modernas do homem) viviam nas cavernas e levavam uma vida primitiva, o sexo feminino era mantido dentro de suas moradias e apenas o homem é que saía em busca de alimentos, territórios e descobertas de locais mais favoráveis em caça e água. Neste sentido temos o trecho a seguir:

Enquanto o homem caça e pesca, a mulher permanece no lar. Mas as tarefas domésticas comportam um trabalho produtivo: fabricação dos vasilhames, tecelagem, jardinagem, e com isso ela desempenha um papel importante na vida econômica. Com a descoberta do cobre, do estanho, do bronze, do ferro, com o aparecimento da charrua, a agricultura estende seus domínios. (BEAUVOIR, 2019b, p. 84)

³ Em se tratando de sociedades primitivas e buscando entender o comportamento de nativos que se contrapõe ao vivenciado pela civilização ocidental, encontra-se o pensamento do antropólogo polonês Malinowski, famoso pelos estudos de tribos primitivas. Realiza uma constatação por meio de análise do comportamento dos homens e mulheres em sua forma mais ampla, observando seus costumes, formas de trabalho, o sexo e a cultura. O antropólogo apresenta, em seus escritos, nitidamente características do biologismo e do psicologismo, ou seja, busca argumentar suas teorias por meio da biologia e psicologia dos nativos (MALINOWSKI, 1973). Em sua obra *Argonautas do Pacífico Ocidental* acompanha sobretudo a vida dos trobriandeses (nativos nos arquipélagos da Nova Guiné), verifica uma formação matrilinear desse povo, isto é, que somente a maternidade importa para a formação de clãs e perpetuação da espécie. Estes nativos apresentam características muito variadas dentro das próprias comunidades e gostam muito de se enfeitar esteticamente, as mulheres são responsáveis por quase tudo e acreditam ser capazes de gerar sem a presença de um homem (MALINOWSKI, 1978).

Ao principiar o período da Idade da Pedra, de forma a se obter igualdade entre o sexo masculino e feminino, eram divididas as tarefas diárias de maneira equilibrada; nesse período, as mulheres assumiam as tarefas domésticas, também devido à perpetuação da espécie, que é inerente ao sexo feminino, cuidando assim da terra e do lar. Com o advento da tecnologia da época – os metais – os trabalhos manuais aumentaram, mas as ferramentas ajudaram em alguns cuidados, que antes eram mais pesados sem elas.

Na Grécia Antiga, no Egito, na Fenícia, Ásia Menor e Grécia Helênica, encontram-se relatos do cuidado com a figura da mulher: devido às deusas criadas na sua mitologia, as mulheres eram tratadas com mais respeito, porém eram vistas acima de tudo como um sexo reprodutor, pois a mulher era responsável por conceber a vida e dar continuidade à espécie. No período medieval, as mulheres também eram cuidadoras das tarefas do lar. No entanto, elas cuidavam de doenças com o uso de ervas; em consequência disso, muitas foram tidas como bruxas, o que ocasionou, como castigo, à fogueira ou enforcadas (em outras épocas também houve acusações de bruxaria, porém no período medieval foi mais forte).

Na linha do tempo encontram-se muitas dificuldades com relação a descobertas feitas pelas mulheres, livros escritos por elas e reconhecimento no meio acadêmico. Como relatado por Graziela e Rita: “Muitos filósofos se posicionaram de forma que contribuísse para a exclusão das mulheres e seus silenciamentos” (PACHECO, 2016, p. 234). O sexo feminino não era só mantido dentro dos seus lares como proteção da criação, mas também era privado de receber educação, apenas recebia ensinamentos do cuidado do lar.

Dentro dessa recapitulação da história, a filósofa francesa relatará sobre a existência de dois sexos e a tentativa de um se sobrepôr ao outro. Dentro do que Beatris Seus escreve sobre a obra, apresenta-se o seguinte questionamento: “Porém, permanece a dúvida: Por que a mulher nunca conseguiu primeiro definir a si mesma, escapando das determinações masculinas?” (SEUS, 2019, p. 26). Como uma das respostas possíveis à pergunta acima, Beauvoir aborda em seu livro que a mulher, possuindo os deveres maternos de cuidado e sustento dos filhos, torna-se debilitada para lutar por uma igualdade de direitos.

Encontram-se nesta temporalidade as lutas que a mulher foi travando ao longo da história, por conseguir direitos que lhe permitissem ser livre e não apenas uma sombra. Neste sentido, são feitas análises contando como as atitudes das mulheres antigas, medievais, modernas contribuíram para as conquistas, como expõe Magda

Santos: “[...] é no diálogo com o tempo que as demarcações culturais se sobressaem e se impõem, no árduo processo de integração do feminino nas veredas do patriarcado” (SANTOS, 2012, p. 927). Como se pode verificar no trecho a seguir:

Ele escreve: “A mulher só pode ser emancipada quando tomar parte em grande escala social na produção e não for mais solicitada pelo trabalho doméstico senão em medida insignificante. E isso só se tornará possível com a grande indústria moderna, que não somente admite em grande escala o trabalho da mulher, mas ainda o exige formalmente”. (BEAUVOIR, 2019b, p. 166)

A história revela grandes conquistas das mulheres por meio da luta ou principalmente no trabalho braçal, colocando-se a fazer as mesmas tarefas industriais que somente os homens realizavam. Simone de Beauvoir descreve no seu livro sobre a possibilidade que a mulher encontra de conseguir liberdade por meio do trabalho, no entanto, ainda enfrenta dificuldades com a desigualdade dentro do ambiente da empresa.

Através dessa visão sobre a história é contrastante o escrito: “Assim, as redes de relações humanas e as histórias que emergem dessas relações constituem o pano de fundo no qual a vida humana se desenvolverá” (CYFER, 2015, p. 52). Percebe-se que a mulher constrói sua história, mas sofreu com a intervenção do mundo masculino, que é criador das leis.

2 EXISTENCIALISMO EM SIMONE DE BEAUVOIR

Na filosofia, de modo geral, é possível encontrar diferentes formas de questionar e uma delas é o existencialismo, que tem como primeiro pensador Sören Kierkegaard. No entanto, essa teoria possui dois lados: há aqueles que se dizem existencialistas cristãos e de outro viés os que são ateus, que é o caso dos filósofos Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. Esta linha de pensamento tem como princípio fundamental o estudo do ser humano enquanto dotado de responsabilidades, escolhas e que existe no mundo.

A filósofa Simone de Beauvoir também comunga das ideias apresentadas pelos pensadores existencialistas e adiciona a essa estrutura do saber a questão dos sexos (gênero⁴), conceito abordado em sua filosofia e que possibilita um melhor

⁴ A filósofa Judith Butler é referência nos estudos de gênero da atualidade, ela estuda Simone de Beauvoir e tece algumas críticas à sua filosofia. Butler apresenta uma análise de gênero e argumenta

entendimento sobre a existência, partindo de um conceito masculino e de um feminino. Contudo, ela não busca dividir os sexos e separá-los, assim como é feito no universo machista que é apresentado por ela, mas busca dar voz e vez à mulher, que também possui uma existência que não é baseada no masculino. Sendo possível constatar no trecho a seguir:

No existencialismo, pelo contrário, o eu não existe; eu existo como sujeito autêntico em um brotar renovado sem cessar que se opõe à realidade cristalizada das coisas; lanço-me sem auxílio, sem guia, em um mundo em que não estou de antemão instalado: sou livre, os meus projetos não são definidos por interesses pré-existentes; eles mesmos determinam o seu fim.⁵ (BEAUVOIR, 1948, p. 34, tradução nossa)

Para Beauvoir, a pessoa não tem uma predeterminação de existir no mundo, não nasce uma criança com as indicações do que ela será ou qual escolhas irá tomar; é indeterminada a profissão que a pessoa terá ou qual seu estilo de vida. Mesmo sofrendo com as influências culturais e imposições do senso comum, ainda não são determinações para dizer como o ser será. Por isso a filósofa reforça a questão da liberdade, que é bem defendida por ela e seu companheiro, no direito de opinião de cada um.

Neste sentido ela usa, no segundo volume do seu livro *O segundo sexo – a experiência vivida*, a sua seguinte máxima: ‘Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.’ Com essa citação, ela expressa as exigências feitas às meninas quando crianças que são incorretas, pois não é possível determinar logo ao nascer se será uma mulher versada nas artes do lar ou do que irá gostar. No entanto, a sociedade, com seu senso comum,

que a sociedade, pelo poder de realizar distinções geradoras de violência e preconceitos, neste sentido se assemelha a de Beauvoir, de que ‘não se nasce mulher, torna-se’, isto é, Butler não enxerga a sexualidade como algo impositivo ao ser. Em suas obras, a filósofa norte americana apresenta as dificuldades sociais em torno do gênero, pois a civilização engessa o ser em determinadas formas heterossexuais, o que gera um desenvolver-se fechado do homem e da mulher. Neste sentido, a filósofa norte-americana vai apresentar questões políticas relacionadas a toda essa matriz hierárquica em que a sociedade está colocada e que forma desigualdades principalmente entre os sexos, mas não suspende a problemática também entre os próprios gêneros (FIRMINO; PORCHAT, 2017). Judith Butler articula críticas à obra *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, e apresenta contraposições à sua filosofia existencialista. Ela reconhece a filósofa francesa como possuidora de uma visão dualista (cartesiana), em relação à visão do eu e do corpo, a mesma busca apresentar às mulheres uma condição de sujeito, mas em relação a uma igualdade com o homem. Por fim, apresenta de uma forma mais pontual, por ser objeto de suas pesquisas, que Beauvoir é voluntária em relação ao gênero (FEMENÍAS, 2012)

⁵ “[...] *Dans l’existentialisme, au contraire, le moi n’est pas; j’existe comme sujet authentique, dans un jaillissement sans cesse renouvelé qui s’oppose à la réalité figée des choses; je me jette sans secours, sans guide, dans un monde où je ne suis pas d’avance installé à m’attendre: je suis libre, mes projets ne sont pas définis par des intérêts préexistants; ils posent eux-mêmes leurs fins*” (Original do Livro – *L’existencialisme et la sagesse des nations*).

tenta inculcar suas exigências sobre as garotas, meninas e mulheres como estas devem ser tratadas e criadas, simplesmente pelo seu sexo (SANTOS, 2010).

O filósofo Sartre defende, em sua teoria existencialista, que as incertezas causam angústia ao homem, entendida como possibilidade para todos os seres humanos, sendo assim condição de vida. Beauvoir o contrapõe, como aparece no livro organizado por Alda da Motta: “O que se dá é que, sendo o ser humano imperfeito e propenso a falhas, ele não obtém, através do existencialismo, a promessa de superar tal fracasso” (MOTTA, 2000, p. 51). Porquanto, o ser humano é dotado de fragilidades e tenta achar meios de responsabilizar alguém pelos atos falhos, não encontrando, perde-se.

No pensamento de Beauvoir e Sartre, algo muito presente é a questão da liberdade. Particularmente a filósofa francesa, por meio da filósofa Izilda Johanson, apresenta uma consideração importante a ser feita sobre o desejo de vida de cada pessoa e como essa existência terrestre se dará (JOHANSON, 2018). Além disso, é apresentado: “Haverá, de todo modo, neste caso, degradação do ‘para-si’ em ‘em-si’, da liberdade em facticidade, do sujeito em objeto, do sujeito autêntico em inautêntico, logo, ‘má-fé’” (JOHANSON, 2020, p. 4).

O existencialismo dos companheiros de estudo e de vida, franceses, apresenta uma busca por autonomia do ser humano e uma fuga do que a sociedade impositiva tenta por implantar na condição de ser da civilização. Mas existe uma contraposição: quando se escolhe não viver a liberdade, o indivíduo opta por ser visto e compreendido como um objeto ou coisa, entendido como a má-fé defendida por ambos. Propriamente para a mulher, essa escolha a coloca na condição de objeto em relação ao homem e escolhe automaticamente não lutar por direitos. Assim como apresenta o trecho:

O escravo é submisso quando se conseguiu enganá-lo de tal maneira que sua situação não lhe parece imposta por homens mais imediatamente dada pela natureza, pelos deuses, por potências contra as quais a revolta não tem sentido; então não é por uma demissão de sua liberdade que ele aceita sua condição, uma vez que não pode imaginar outra: e no interior deste mundo no qual encerra sua ignorância ele pede, em suas relações com seus amigos, por exemplo, viver com homens moral e livre. (BEAUVOIR, 2005, p. 72)

Destarte, a pensadora faz um comparativo no seu livro *Por uma moral da ambiguidade* com a vida de um escravo, relacionando com a vida das mulheres que também sofrem com a desigualdade social. No excerto acima, é apresentada uma falha na liberdade, pois a mulher é enganada de tal modo que parece ser normal, levando-a a não lutar por seus direitos, isto é, quando ela vê que outras mulheres são tratadas da mesma forma por gerações, elas julgam ser o correto e não lutam por mudanças.

Através da linha de pensamento existencialista, é possível compreender a quais caminhos Sartre⁶ leva sua filosofia e também Beauvoir, pois ambos conversavam e discutiam sobre suas ideias. Assim entende-se os motivos que levaram a filósofa a escrever sobre a mulher e dar a tônica existencial a suas obras.

3 OS MITOS CRIADOS SOBRE O FEMININO

No estudo feito por Beauvoir a respeito da divergência entre os sexos, são apresentados por ela métodos de análise dessas condições, sendo um destes os mitos que envolvem alguns sentidos comuns presentes até os dias de hoje. Portanto, para que sejam compreendidas algumas características atribuídas ao sexo feminino, que são citadas ao longo da escrita de *O Segundo Sexo*, é importante a assimilação desses mitos criados desde a Grécia Antiga. As quimeras foram produzidas no decorrer da história e estas, por sua vez, afetaram as tradições familiares e os ensinamentos transmitidos pelas gerações, com isso, a mulher é afetada e é necessário entender estes para conhecer a sua condição atual.

Na filosofia grega e antiga, eram muito populares os mitos⁷ para representar as grandes histórias e para encorajar guerreiros e jovens a tornarem-se heróis. No entanto,

⁶ Em respeito ao existencialismo ateu de Sartre, que é considerado o representante dessa linha de pensamento, e também era companheiro de Beauvoir, tem-se como estrutura de pensamento a existência do ser. Neste sentido, Sartre escreve duas obras (*O ser e o Nada* e *O Existencialismo é um Humanismo*) cujo objetivo era expressar justamente a condição de ser no mundo enquanto existência material, ou seja, o ser humano quando nasce até sua morte, não importando de onde veio e para onde vai. A filósofa Simone de Beauvoir, dialoga com Sartre e compactua com essa linha de raciocínio filosófica. Há uma máxima de Sartre que é: “A existência precede a essência” (SARTRE, 2014, p. 10). Pode-se entender que, com essa frase, o filósofo afirma que todo o ser humano primeiro existe no mundo e depois, por meio de sua vivência social e cultural, ele vai criando sua essência. Por meio do estudo dessa máxima de Sartre que Beauvoir irá argumentar “que não se nasce mulher torna-se mulher”. Sobre o existencialismo sartreano, tem-se a afirmação: “De qualquer forma, o que podemos dizer desde o princípio é que, por existencialismo, entendemos uma doutrina que torna a vida humana possível e que, por outro lado, declara que toda verdade e toda ação implicam um meio e uma subjetividade humana” (SARTRE, 2014, p. 16).

⁷ O antropólogo escocês James Frazer realiza escritos que permeiam as histórias de ficção e contos antigos, relata mitos e neste viés explica as condições sociais em diferentes épocas. Em séculos passados, os povos recebiam de viajantes e missionários histórias sobre mitos e crenças que escandalizavam as populações, com isso eles se dirigiam até os antropólogos para que fosse justificadas essas histórias, assim corrobora o pensamento desse autor com o apresentado por Beauvoir de existirem mitos que não eram bem justificáveis e que causavam divisão sociais. O antropólogo apresenta em seu livro *O Ramo de Ouro* uma relação de diversas histórias e mitos (da religião), que não foram devidamente estudados e relatados. Então ele mostra uma real interpretação e análise, mas desta vez com o rigor e a crença de uma evolução social. Apegando-se à questão da mulher, o autor relata principalmente os mitos de Diana e Egéria, deusas que, segundo a tradição, ajudavam as mulheres com a fertilidade e discorre sobre as consequências e características dessas mulheres para o serviço e como objeto de desejo masculino (FRAZER, 1978).

essa técnica foi utilizada para criar falsas narrativas, dando a seus leitores ideias não verdadeiras a respeito da mulher, que também são transmitidas para posteridade. A filósofa Beauvoir em seu livro *O segundo Sexo* rememora alguns desses mitos que ocasionaram e ainda, nos dias de hoje, geram restrições ao sexo feminino, no senso comum.

Durante o passar do tempo, foram criados mitos sobre a beleza da mulher, o seu jeito de ser criada, particularidades do corpo feminino e até mesmo sobre seus comportamentos sociais. A filósofa apresenta que grande parte da sua infância foi regada de mitos que ela própria acreditava como verdade absoluta, assim como muitas jovens, principalmente envolvendo o corpo feminino. Nestas invenções são feitos comparativos da mulher com as fêmeas de outras espécies não racionais e são tomados como realidades sobre o feminino.

A sociedade interpreta as quimeras inventadas e não é gerada nenhuma crítica, isto é, são aceitas as características da mulher submissa ao homem. No livro *Memórias de uma Moça bem Comportada* afirma-se que: “Os mitos e os clichês primavam sobre a verdade: incapaz de fixá-la, deixavam-na integrar-se na insignificância” (BEAUVOIR, 2009, p. 3). Por certo que a imagem da mulher é desvalorizada por existir nessas histórias uma não importância com a veracidade dos fatos, como vê-se no trecho:

A ideia [sic] de uma mulher boa e outra má, encarnadas por Eva e Lilith, permaneceu até nossos dias, embora recaia também sobre Eva a maldição atribuída a seu pecado de orgulho. E é este orgulho que congrega todas as superstições vinculadas à sedução feminina e que, através dos mitos, se manifesta a partir do simples desejo de igualdade até os encantamentos da feiticeira que persuade a vontade dos homens por meio de procedimentos ilícitos. (ROBLES, 2006, p. 37)

Nesse ínterim de perpetuação dos mitos, vê-se alguns que expõem sobre o comportamento da mulher características negativas que lhe são atribuídas até os dias atuais. Como no caso bíblico da personagem da criação, Eva, que é vista como pecadora, cujo pecado veio ao mundo pela sua desobediência. Em contrapartida, encontramos a figura de Lilith, uma demônia cultuada por muitos pela sua ira e atribuição de doenças e pestes. Ambos os mitos criados a respeito das reações psíquicas das mulheres em alterações biologicamente relacionadas aos seus corpos.

A filósofa francesa apresenta o comparativo: “O óvulo castra o espermatozoide, a fêmea do louva-a-deus assassina o parceiro: tais fatos prefigurariam um sonho feminino de castração” (BEAUVOIR, 2019b, p. 46). Nota-se que é possível ver a tentativa

de psicólogos e pesquisadores de cogitar o desejo da mulher de ser possuidora de um pênis, que para Sigmund Freud é uma síndrome que as jovens adquirem ao ter conhecimento do ‘Falo’. Neste sentido, as garotas veem o órgão genital masculino e se percebem não possuindo o mesmo, assim sabem que não possuindo o pênis também não terão autoridade. Assim, pode-se destacar:

Essa idealização, o mito da mulher, é colocada como verdade necessária em oposição à mulher real em todas as suas variedades e pluralidades, de tal modo que se questiona antes se a mulher não é feminina o suficiente do que o fato da “feminilidade” ser uma entidade, uma projeção. (BENSUSAN; CORRÊA, 2020, p. 342)

A questão da feminilidade é algo bem presente em toda a obra de Beauvoir, pois é algo introjetado pela sociedade e, com os mitos da beleza, torna-se mais presente. Como é notório, são impostos diversos padrões de beleza e de como deve ser o comportamento, vestimentas, estilo de vida que deve ter uma mulher. É delimitam-te para uma padronização global, por meio das redes sociais e meios midiáticos, a forma como deve ser o feminino. Se fugir disso, é passível de questionamentos, e o desejo de aceitação e reconhecimento levam-na a realizar procedimentos estéticos, alguns ceifadores de vida, como se pode constatar no trecho a seguir:

O homem esquece soberbamente que sua anatomia também comporta hormônios e testículos. Encara o corpo como uma relação direta e normal com o mundo que acredita apreender na sua objetividade, ao passo que considera o corpo da mulher sobrecarregado por tudo o que o especifica: um obstáculo, uma prisão. (BEAUVOIR, 2019b, p. 12)

São dois corpos, masculino e feminino; no entanto, o homem é olhado como referência e a mulher simplesmente uma cópia. Neste sentido, Simone de Beauvoir, em seu trabalho *O segundo sexo*, apresenta esse condicionamento ou subalternização do corpo feminino, que é, em um grande montante, entendido somente como objeto de desejo e prazer. A filósofa argumenta se lançando mão da fala de grandes pensadores de que o corpo da mulher é uma cópia do masculino, mas possuidor de defeitos.

A filósofa, tendo como base estudos e sendo ela própria do sexo feminino, argumenta, opondo-se a essas afirmativas (filosóficas e científicas) com base na realidade dos corpos e suas igualdades e diferenças. É possível entender o argumento levando em conta o que relata Naomi Wolf⁸: “à medida que as mulheres se liberaram

⁸ A escritora e jornalista Naomi Wolf escreve um livro sobre ‘o mito da beleza’, em que relata as adversidades enfrentadas pela mulher e também pelos homens e como são afetados pelos desejos

da Mística Feminina da domesticidade, o mito da beleza invadiu esse terreno perdido [...]” (WOLF, 2018, p. 24). Isto é, ao escapar da condição de doméstica, como única condição de trabalho⁹ para a mulher, elas acabam caindo na condição de perfeição de corpo, quer dizer, a sociedade impõe às mulheres a perfeição física.

Beauvoir, em uma entrevista dada a Aline Schwarzer, afirma que “Por um lado, é bom que uma mulher não tenha mais vergonha do seu corpo, de sua gravidez, de suas regras” (SCHWARZER, 1985, p. 77). Outrossim a mulher não pode ter vergonha do seu corpo e de sua biologia, pois assim acaba por deixar-se levar pelos mitos que tanto a descreveram de forma equivocada, e neste movimento desencadeia uma luta contra si mesma. Em entrevista dada, Beauvoir relata sobre a sua escrita e as aceitações e recusas recebidas, no entanto apresenta em sua obra uma realidade social vivida pelo sexo feminino.

Desse modo, os mitos crescentes ao longo do tempo renderam ao sexo feminino caricaturizações realizadas para uma aceitação social e uma busca por ser reconhecida como participante igual na sociedade. Quanto ao corpo, a filósofa tenta por meio da biologia explicar as igualdades e divergências entre os sexos, mas não os tornam passíveis de desigualdade, como se nota na sociedade. Porém, ao longo do tempo, o corpo feminino foi apresentado como objeto de reprodução (termo da Antiguidade), impuro (termo da Idade Média) e que devia seguir os padrões de beleza socialmente aceitos e impostos.

4 A CONDIÇÃO DE SER ‘O OUTRO’ OU ‘SEGUNDO SEXO’

O ser humano é entendido como animal racional e capaz de seguir normas e leis, no entanto, os dois sexos não são reconhecidos como semelhantes. A filósofa Beauvoir demonstra como essa diferenciação entre homens e mulheres se dá no entendimento de que o feminino é o ‘outro’. A mulher é reconhecida como o segundo sexo. Na visão

que lhe são impostos pela sociedade. Ademais, com as mídias sociais e também os padrões impostos pelo senso comum, é fomentado em ambos os sexos o desejo de serem reconhecidos e para tanto são realizadas mudanças físicas e psicológicas. Também são apresentadas as consequências desses atos, principalmente contra o sexo feminino. As mulheres são reconhecidas e idealizadas como objetos de satisfação masculina, em outras palavras a mulher transforma o seu corpo para que seja aceita pela sociedade e com o intuito de que alcancem a igualdade de gênero, porém é apenas reconhecida como padrão de beleza e este por sua vez oscila de tal forma de acabar por objetificar as mulheres (WOLF, 2018).

⁹ Sobre a condição de trabalho a filósofa apresenta: “Economicamente, homens e mulheres constituem como que duas castas; em igualdade de condições, os primeiros têm situações mais vantajosas, salários mais altos, maiores possibilidades de êxito que suas concorrentes recém-chegadas” (BEAUVOIR, 2019a, p. 17).

masculina, ela é apenas uma sombra do ser real, logo, ela não se encontra no mesmo grau, como se pode perceber no trecho a seguir:

No homem não há nenhum hiato entre a vida pública e a vida privada: quanto mais ele se afirma seu domínio do mundo pela ação e pelo trabalho, mais revela viril; nele, os valores humanos e os valores vitais se confundem; ao passo que os êxitos autônomos da mulher estão em contradição com sua feminilidade, porquanto se exige da “verdadeira mulher” que se torne objeto, que seja o Outro. (BEAUVOIR, 2019b, p. 338)

Em virtude da dominação¹⁰, o homem tenta colocar a mulher na condição de objeto, para que assim o masculino seja o dominador, é necessário ter um ser inferior, pois assim ele o controla e exerce domínio sobre ele. A mulher é determinada socialmente em função do homem, como diz Beauvoir: “A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (BEAUVOIR, 2019b, pp. 12-13). Para o macho, a transição na sociedade é algo mais tranquilo, não lhe são impostas pesadas formatações de comportamento social, pois a formatação da sociedade é feita em função do mesmo. Assim, como se pode notar a seguir:

Essa situação da mulher enquanto o Outro está na experiência concreta, mas ao mesmo tempo é construída de modo que não haja outra forma de a mulher estar no mundo, a mulher é impelida a tornar-se o Outro e a acreditar que é Outro, pois o conhecimento difundido na sociedade e os registros históricos confirmam constantemente essa situação. (OLIVA, 2014, p. 278)

O ‘Outro’¹¹ sexo pelo qual a mulher é reconhecida socialmente está incutida de tal forma dentro dela, causando em alguns casos o próprio reconhecimento como Outro.

¹⁰ Em se tratando da explicação de Beauvoir em relação à dominação de um sexo sobre outro, a filósofa diz: “[...] não é o Outro que definindo-se como Outro define o Um; ele é posto como Outro pelo Um definindo-se como Um. Mas para que o Outro não se transforme no Um é preciso que se sujeite a esse ponto de vista alheio” (BEAUVOIR, 2019a, p. 14).

¹¹ A portuguesa Grada Kilomba é uma escritora, psicóloga, produtora de um saber descolonial e artista, contemporânea e conhecedora da luta contra o racismo. Grada apresenta em sua obra Memórias da Plantação as condições de um sistema colonial existente no mundo, no qual o negro era escravizado e não era reconhecido como sujeito. Neste sentido, ela busca apresentar a luta por esse reconhecimento do negro como sujeito. A filósofa Simone de Beauvoir apresenta a visão da mulher como outro sexo, ou seja, submetida a um parâmetro único de condição de vida, que é o primeiro sexo (masculino); já Kilomba apresenta a mulher negra ainda mais reduzida socialmente. A escritora portuguesa trabalha com a condição da mulher negra ser o outro do outro, isto é, o feminino negro está abaixo do homem branco, que está acima da mulher branca, que está acima do homem negro e a mulher negra ainda vem abaixo depois destes três anteriores. Grada Kilomba apresenta, por meio de diálogos com outras mulheres, a situação vivencial sendo mulher e negra na sociedade machista e branca, as dificuldades de serem vistas como apenas objetos e contrapõe pela luta por serem reconhecidas como sujeitos iguais, seres humanos racionais (KILOMBA, 2019).

Historicamente, essa situação em que o feminino é colocado vem sendo transmitida como algo normal, ou seja, como um objeto. Ao vivenciar em todas etapas da sua vida essa realidade, ela somente conseguirá transmitir isso para as gerações seguintes. Portanto, a pensadora francesa acrescenta a essa discussão o âmbito materno e familiar, trabalhados propriamente no segundo volume de seu livro.

O conceito trabalhado por Beauvoir acerca da mulher ser o outro é explicitado por Carla Rodrigues, baseada na filosofia de Georg Wilhelm Friedrich Hegel, esta escritora atesta que: “Destinada ao lugar de ‘outro’, a mulher não poderia, ainda seguindo o argumento de Beauvoir, caminhar pelo roteiro hegeliano a fim de reivindicar reconhecimento” (RODRIGUES, 2019, p. 5). Visto que a filósofa francesa interpreta a ideia de Hegel¹² incapaz de ser praticada pelo feminino, sabendo que para ele é necessária a mútua colaboração para haver consciência da realidade.

Ao se pensar a mulher e também a negra¹³ como Outro, surgem questionamentos pontuais com relação à sua liberdade, tema que será amplamente trabalhado nas obras de Beauvoir e motivo de discussões filosóficas com Sartre. A escritora Kate Kirkpatrick argumenta: “Ela não poderia concordar com ele no sentido de que a liberdade é ilimitada: nossas escolhas são restringidas pelas escolhas do outro, e vice-versa” (KIRKPATRICK, 2020, p. 183). Neste sentido, Beauvoir compreendia a liberdade em relação à ação do outro, isto é, a liberdade existe somente a partir do momento em que todos estão livres.

Em resposta à pergunta: Qual a condição da mulher como segundo sexo, segundo o pensamento de Simone de Beauvoir? O feminino, durante o passar do tempo, teve

¹² Segundo uma comentadora de Beauvoir, “A dialética hegeliana analisava a liberdade em termos de ideias, mas essa existencialista francesa a abordava a partir do corpo sexuado e na polifonia da literatura” (KRISTEVA, 2019, p. 77). Haja vista, que a mesma apresenta a ideia do filósofo e a prática entendida sobre o assunto de Simone. A Kristeva apresenta em seu livro *Beauvoir Presente* uma verdadeira coletânea de interpretações acerca dos escritos da filosofia supracitada.

¹³ No tocante ao assunto da desigualdade entre os gêneros, a filósofa e ativista norte-americana Ângela Davis possui diversas obras (*Mulheres, Raça e Classe; Mulheres, Cultura e Política; Estarão as Prisões Obsoletas?; A liberdade é Uma Luta Constante;*). A filósofa luta pelos direitos das mulheres e principalmente da população negra, neste sentido ela se assemelha ao apresentado por Beauvoir em seu livro *O Segundo Sexo*. O feminino sofre com a desigualdade e falta de reconhecimento da civilização, e Ângela Davis expressa ainda um agravante nesse sentido, que é a população negra, sendo a mulher negra ainda mais rebaixada, até mesmo pelas mulheres brancas. Em alguns pontos de seu livro, Beauvoir apresenta as semelhanças entre a mulher e o escravo, comparação feita sobre o seu tratamento perante a sociedade. Ângela Davis viveu na pele as consequências de ser mulher e negra na sociedade, foi presa e censurada diversas vezes. Desde muito cedo realizou manifestações em favor da busca pela igualdade entre as raças e entre os homens e mulheres. Davis defende uma não neutralização epistemológica, não aceita que haja um único padrão de ser no mundo e luta pelo reconhecimento do negro e da mulher na sociedade (DAVIS, 2016).

muitas conquistas em termos de leis e igualdades; no entanto não a conformidade entre os gêneros, pois o homem quer possui o poder e para isso tem que submeter o outro sexo, neste caso a mulher é rebaixada e entendida como objeto apenas. Desta maneira lhe é cerceada a liberdade, sendo condicionada a trabalhos domésticos, sem possibilidade de cargos de renome nas indústrias, dado o cuidado da reprodução da espécie e o zelo para com a educação das crianças.

A condição de Outro é algo presente em toda a escrita de Beauvoir, incluindo nas obras literárias; este termo está ligado à ideia de liberdade, que é muito defendida pela filósofa e seu companheiro, nas questões voltadas ao corpo e principalmente à política. Apresenta a comentadora, Eliana Calado: “Primeiramente, pode-se destacar o Outro, com maiúsculo. Trata-se daquele que não é Sujeito, mas puro objeto em relação ao ‘eu’, que é marginal, hostilizado, oprimido e não tem voz” (CALADO, 2012, p. 129).

Uma vez que a condição de ‘Outro’ sexo da mulher a coloca em um patamar de objeto e seu corpo, em âmbito geral, é compreendido como desejável apenas, o feminino é impedido de ser político, pois não recebe aceitação da sociedade, mas um molde de como deve ser. Em suma, a condição política defendida por Beauvoir está diretamente ligada à liberdade (relação com sua ética) do ser humano (mais especificamente à mulher), base para a defesa do não Outro/ Objeto, condicionamento do segundo sexo em função do primeiro por diferenças machistas e sexistas.

A filósofa francesa, dentro do estudo realizado sobre a condição da mulher, apresenta as evidências que foram utilizadas ao longo da história para provar a inferioridade da mulher, podendo ser entendidas no trecho: “apelaram não somente para a religião, a filosofia e a teologia, como no passado, mas ainda para a ciência: biologia, psicologia experimental etc.” (BEAUVOIR, 2019b, p. 20). Em outras palavras, o masculino tentou justificar a inferioridade da mulher por diversos meios, em contrapartida coube a Beauvoir demonstrar em seu livro que essas não são provas para justificar a subjugação feita ao feminino.

Portanto, a condição da mulher, segundo o apresentado por Simone de Beauvoir, é de busca por liberdade, mas sem afetar a condição dos demais na sociedade, pois para a filósofa só existe liberdade quando todos estão libertos. A mulher se encontra afastada da igualdade social, de outra maneira, o feminino não possui a mesma liberdade do masculino, mas o feminino já conquistou ao longo da história direitos que buscam essa aproximação. A condição da mulher na sociedade em que Simone viveu é de busca por ser livre e possuir as mesmas condições éticas e de justiça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As notas que compõem o pensamento de Beauvoir, como se pôde observar, apontam para a condição da mulher em uma visão de desigualdade entre os dois sexos, isto é, a filósofa apresenta as contradições das justificativas criadas para a submissão da mulher. Tendo realizado estudos do materialismo histórico, psicanálise, historiografia e antropologia, a pensadora francesa apresenta condições que são atribuídas ao feminino. Neste sentido, ela escreve *O Segundo Sexo* para apresentar uma realidade vivida por ela e também pelas demais mulheres, somente pelo fato de terem nascido do sexo feminino, como é possível perceber no trecho: “A menina será esposa, mãe, avó; tratará da casa, exatamente como fez sua mãe, cuidará dos filhos como foi cuidada: tem 12 anos e sua história já está escrita no céu;” (BEAUVOIR, 2019a, p. 45).

Em uma primeira abordagem, é notável que a figura da mulher ao longo da história humana foi bem evitada, colocada nos cuidados do lar e, quando não exercia essa função, era entendida como sendo frágil. Mesmo quando a mulher tinha reconhecimento por parte do masculino, era através do medo, pelo fato da mulher ser geradora de vida. Na sequência, o estudo do existencialismo que é a base filosófica presente em todo escrito de Beauvoir e no qual apresenta a liberdade como inerente do ser humano, tem por necessidade a autonomia do ser humano em suas ações, pois as suas escolhas afetam diretamente todos à sua volta.

Na terceira abordagem, a mulher encontra algumas dificuldades na sociedade para ser reconhecida como igual, pois os mitos que foram criados ao longo da cronologia humana afetaram a visão sobre ela, como pode ser visto no trecho: “os mitos criados pelo orgulho e os desejos dos homens: é através de olhos masculinos que a menina explora o mundo e nele decifra seu destino (BEAUVOIR, 2019a, p. 34). As quimeras foram fomentadas para dizer sobre características pessoais femininas, porém as mesmas foram interpretadas e transmitidas de forma errônea, causando assim uma visão errada sobre o feminino.

Por último, o ‘Outro’ sexo sobre a mulher atribui condição de dependência de um primeiro, que é o homem, reconhecido como sendo o principal sexo, isto é, ele sendo o modelo para tudo, coloca a mulher em submissão. Assim, a mulher é somente o outro sexo, que depende do homem, informação que é até internalizada por algumas mulheres e transmitidas por gerações. Deste modo, pode se perceber essa secundariedade da mulher no trecho:

Para ser um indivíduo completo, igual ao homem, é preciso que a mulher tenha acesso ao mundo masculino assim como o homem tem acesso ao mundo feminino, que tenha acesso ao outro; somente as exigências do outro não são em ambos os casos simétricas. (BEAUVOIR, 2019a, p. 508)

Em se pensando o feminino, nas suas lutas e conquistas alcançadas, ainda existem diferenças entre os sexos. O livro *O Segundo Sexo* não busca sanar essas problemáticas, todavia apresentar aquilo que fizeram e idealizaram do feminino, condições essas que impedem a mulher de ser livre para se tornar mulher. Portanto, o desejo por liberdade está nela presente e também a aspiração pelo reconhecimento de igualdade, pois é importante ser enxergada socialmente e pelo homem como ser semelhante, mesmo possuindo características que a diferem do masculino, mas que não a inferiorizam.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. **L'existentialisme et la sagesse des Nations**. Paris: Éditions Nagel, 1948.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019a.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019b.
- BEAUVOIR, Simone de. **Memórias de uma moça bem-comportada**. Tradução: Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BEAUVOIR, Simone de. **Por uma moral da ambiguidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- BENSUSAN, Hilan Nissior; CORRÊA, Bianca de Oliveira. Beauvoir após Butler. **Ideação**, São Paulo, v. 1, n. 42, p. 340-355, jun. 2020.
- CALADO, Eliana Alda de Freitas. **Autobiografias de Simone de Beauvoir: sujeito, identidade, alteridade**. São Paulo: Nova Fronteira, 2012.
- CYFER, Ingrid. Afinal, o que é uma mulher? Simone de Beauvoir e “a questão do sujeito” na teoria crítica feminista. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, Rio de Janeiro, n. 94, p. 41-77, ago. 2015.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FEMENÍAS, María Luisa. A crítica de Judith Butler a Simone de Beauvoir. **Sapere Aude**, São Paulo, v. 3, n. 6, p. 310-339, jun. 2012.
- FIRMINO, Flávio Henrique; PORCHAT, Patricia. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero”. **Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 19, n. 1, p. 51-61, jan./jun. 2017.
- FRAZER, James George; DOUGLAS, Mary. **O ramo de ouro**. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.
- JOHANSON, Izilda Cristina. De objeto a sujeito: uma contribuição feminista à história e à filosofia. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 45-56, dez. 2020.
- JOHANSON, Izilda Cristina. Moral da ambiguidade, liberdade e libertação: filosofia e feminismo em Simone de Beauvoir. **Ethic@-An International Journal for Moral Philosophy**, Luxembourg, v. 17, n. 2, p. 239-257, jun. 2018.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. São Paulo: Cobogó, 2019.
- KIRKPATRICK, Kate. **Simone de Beauvoir: uma vida**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2020.
- KRISTEVA, Julia. **Beauvoir presente**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019.
- MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico ocidental**. São Paulo: Abril cultural, 1978. (Os pensadores).
- MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Sexo e repressão na sociedade selvagem**. Petrópolis: Vozes, 1973.

MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília M. B.; GOMES, Márcia (Ed.). **Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas**. 2000. 189f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – UNICAMP, Campinas, 2000.

OLIVA, Juliana. O Outro a partir da corporeidade: a importância do corpo na situação da mulher em O Segundo Sexo de Simone de Beauvoir. **Sapere Aude**, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 267-286, jun. 2014.

PACHECO, Juliana (Org.). **Filósofas: a presença das Mulheres na Filosofia**. Porto Alegre: Fi, 2016.

ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos**. Tradução: William Lagos e Débora Dutra Vieira. São Paulo: Aleph, 2006.

RODRIGUES, Carla. Ser e dever: Butler leitora de Beauvoir. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 6, n. 56, p. 23-45, ago. 2019.

SANTOS, Magda Guadalupe dos. Memória e feminino em Simone de Beauvoir: o problema da recepção. **Estudos Feministas**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 919-937, jun. 2012.

SANTOS, Magda Guadalupe dos; BEAUVOIR, Simone de. Não se nasce mulher, torna-se mulher. **Sapere Aude**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 108-122, jun. 2010.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Petrópolis: Vozes, 2014.

SCHWARZER, Alice. **Simone de Beauvoir hoje**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

SEUS, Beatrís da Silva. **Simone de Beauvoir e a libertação da mulher: do existencialismo sartriano à moral da ambiguidade**. Porto Alegre: Fi, 2019.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.